

Características do Jornalismo Alternativo dos Movimentos Sociais na Web

Laércio Torres de Góes¹

UFBA

Resumo: O jornalismo alternativo da mídia dos movimentos sociais na Web diferencia-se da mídia tradicional, principalmente, pela seleção das notícias, fontes e enquadramento (framing). Este artigo defende que, destes elementos jornalísticos diferenciadores, o enquadramento se destaca. Ao analisar durante uma semana duas agências de notícias alternativas na Internet (Agência Carta Maior e IPS) e uma tradicional (Reuters), evidencia-se que a agenda das notícias e a aplicação da teoria do framing ajudam estabelecer contrastes e definições entre os dois tipos de mídias. Esta forma de pesquisa permite identificar na atuação dos meios de comunicação como privilegiam certos temas e certos enquadramentos na produção de notícias.

Abstract: The alternative journalism of the media of the social movements in the Web is differentiated of the traditional media, mainly, for the news selection, sources and framing. This article defends that, of these journalistic elements differentiators, the framing if detaches. When analyzing during one week two alternative news agencies in the Internet (Agência Carta Maior and IPS) and a traditional one (Reuters), is proven that the news agenda and the application of the theory of framing help to establish contrasts and definitions between the two types of medias. This form of research allows to identify in the performance of the medias as they privilege certain subjects and certain framings in the production of news.

Palavras-chave: Jornalismo Alternativo; Agências de Notícias; Framing

Keywords: Alternative Journalism; News Agencies; Framing

¹ Graduado em Jornalismo pela UFBA (1994). Especializou-se em Ética e Cidadania pela Escola Superior de Teologia (2003). Atualmente é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da UFBA e membro do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line. Autor do livro O Mito Cristão no Cinema (Edufba/Edusc). Email: laerciogoes@gmail.com. Tel.: (71) 32617714. End.: Rua Antônio Passos 27 Federação Salvador – BA.

1. Introdução

Há uma grande dificuldade para se definir mídia alternativa pela amplitude e generalização do seu significado, pois incorpora diferentes definições em termos de organização de notícias, operação de conteúdo produzido e relação e interação com a sociedade como um todo (RENDEIRO, 2003). Platon e Deuze (2003) identificaram semelhanças entre a prática jornalística dos meios de comunicação alternativos e a imprensa tradicional, ao pesquisar o Indymedia (IMC). As empresas jornalísticas buscam também novas formas de relacionar-se com o público, compartilha dos mesmos princípios jornalísticos (verdade, ética e transparência) e um restrito grupo controla aquilo que pode ou não ser publicado, evitando conteúdos preconceituosos e discriminatórios. Sendo assim, o Indymedia seria uma forma de jornalismo radical de compartilhar e selecionar notícias, mas não muito diferente de formas estabelecidas de jornalismo no tipo de problemas e discussões editoriais enfrentadas na prática da publicação diária (PLATON e DEUZE, 2003).

Mas a proposta de mídia alternativa defendida neste artigo é um modelo que privilegia o seu potencial transformador como instrumentos reflexivos de práticas de comunicação em redes sociais. Segundo Atton (2005) e outros autores, a relação entre a mídia alternativa e os movimentos sociais direciona um processo de comunicação alternativa. Para Downing (2002) a mídia radical privilegia os movimentos sociais sobre as instituições. Seu interesse é considerar como mídia alternativa aquela que explicitamente forma a consciência política através do esforço coletivo.

Porém ser apenas a mídia dos movimentos sociais não define a mídia alternativa como alternativa. É necessário haver diferenciação na prática jornalística, forma e conteúdo dos meios de comunicação tradicionais. Entre os elementos jornalísticos da mídia alternativa dos movimentos sociais, destacam-se a seleção das notícias, as fontes e, principalmente, o enquadramento (framing). Nas pesquisas sobre o papel da mídia em processos políticos, a teoria do framing tem encontrado proeminência e popularidade, apesar do paradigma encontrar-se em estágio embrionário. Suas aplicações têm dinamizado o campo da comunicação política, oferecendo uma nova perspectiva para entender papel da mídia (PORTO, 2004). Na análise da relação entre os movimentos sociais, a mídia alternativa e os meios de comunicação tradicionais não são diferentes. A aplicação da teoria do framing ajuda estabelecer contrastes e definições entre a mídia alternativa e tradicional.

Neste artigo desenvolvo preliminarmente a pesquisa sobre a organização dos conteúdos das agências de notícias alternativas no ciberespaço. Foram analisadas e comparadas, durante uma semana, duas agências de notícias alternativas na Internet (Agência Carta Maior e IPS) e uma

tradicional (Reuters), observando as diferenças e semelhanças dos elementos jornalísticos, tais como seleção de notícias e enquadramento. As primeiras observações demonstram que os conteúdos das agências de notícias digitais alternativas são organizados segundo valores sociais, econômicos, políticos e culturais dos movimentos antiglobalização (direitos humanos, ecologia, educação, direitos das minorias, justiça social, movimentos sociais, cultura popular, tolerância religiosa etc.).

2. Características do jornalismo alternativo

2.1. Enquadramento

A primeira sistematização teórica do framing foi feita por Erving Goffman (1986) em seu livro *Frame Analysis*. Goffman define enquadramentos como os princípios de organização que orientam os eventos sociais, a construção de como as pessoas organizam a experiência. São marcos interpretativos mais gerais, construídos socialmente, que permitem às pessoas dar sentido aos eventos e às situações (PORTO, 2004). No desenvolvimento do conceito realizado por Entman (1993 apud SCHEUFELE, 1999), enquadramento consiste em selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e destacá-los em um texto comunicativo, de tal forma que promova uma particular definição de problema, interpretação de causa, avaliação moral e/ou recomendação de tratamento. O enquadramento guia como as pessoas entendem o mundo e, assim, formam julgamentos (BREWER, GRAF e WILLNAT, 2003).

Segundo pesquisas, ao menos cinco fatores podem potencialmente influenciar como jornalistas enquadram uma questão: normas sociais e valores, pressões e constrangimentos organizacionais, pressões de interesses de grupos, rotinas jornalísticas e orientações políticas e ideológicas dos jornalistas (SHOEMAKER e REESE, 1996; TUCHMAN, 1978 apud SCHEUFELE, 1999). Deste modo, a formação do enquadramento pode ser explicada pela interação de normas e práticas jornalísticas e a influência de grupos de interesses (GAMSON e MODIGLIANI, 1987 apud SCHEUFELE, 1999). Certos tipos de interesses, incluindo fontes governamentais, são provavelmente os mais influentes na seleção da agenda e do enquadramento das questões. Mas a influência na construção da agenda da mídia e do processo de enquadramento é atenuando em parte pelas preferências dos jornalistas por narrativas dramáticas e pela intervenção do jornalista no lugar onde as notícias ocorrem (PESTALARDO, 2006).

Alguns estudos têm classificado o framing da mídia em alguns esquemas estruturais ou enquadramentos genéricos, que se concentram mais no conteúdo: conflito, interesse humano e conseqüências econômicas (KOENING, 2006). O enquadramento de conflito descreve o conflito entre indivíduos, grupos ou instituições; interesse humano enfatiza histórias de vida humana e emotiva; e de conseqüências econômicas destacam as conseqüências que as questões trarão sobre o indivíduo, grupo, instituição, região ou país em termos econômicos (SEMETKO e VALKENBURG, 2000 apud KOENING, 2006). Os enquadramentos dos conteúdos também têm sido chamados de enquadramentos-mestre, classificados como enquadramento étnico-nacionalista, baseado em critérios religiosos, culturais e relações de sangue; de cidadania liberal-individualista, que postula a liberdade do indivíduo e a igualdade de todos os seres humanos frente ao Estado; e de harmonia com a natureza, que assume a existência de diferentes realidades de cultura e natureza e atributos ao valor intrínseco da natureza (KOENING, 2006).

Em geral a perspectiva do enquadramento tem feito importantes contribuições no campo dos movimentos sociais e fornecido o entendimento de como os atores coletivos constroem um esquema interpretativo que fundamenta a mobilização e sustenta a ação. Além disso, elabora um sentido de injustiça e de identidades coletivas para os protagonistas e seus alvos, oferecendo um diagnóstico e prognóstico de um problema e uma chamada à ação para resolvê-lo (BENFORD, 1997; STEINBERG, 1998). O elemento central do enquadramento é a relação com a concepção de injustiça que serve como base para articular ressentimentos e imaginar uma ordem social alternativa (CARROLL, 1996). Dentre as categorias genéricas de quadros utilizados pelos movimentos sociais estão: injustiça, oposição, hegemônico, igualdade de oportunidade e de direitos (BENFORD, 1997).

O processo de enquadramento deve ser analisado dentro do contexto de distribuição do poder político e social. Alguns estudiosos têm combinado os conceitos de enquadramento e hegemonia, estabelecendo relação entre a mídia e a mudança política. O enquadramento hegemônico mostrado pelos grandes meios de comunicação domina o discurso de tal maneira que é aceito como senso comum ou neutras descrições da realidade, não como interpretações. Os movimentos sociais estão entre os primeiros desafiadores dos valores hegemônicos. Sua habilidade para desafiar a hegemonia está ligada diretamente ao processo de enquadramento e sua eficácia em influenciar os discursos noticiosos. Grupos marginalizados buscam influenciar a mídia para destacar seus interesses, mobilizar apoio e validar sua existência como atores políticos. Constroem significados através do enquadramento e desafiam a ideologia hegemônica. Conseqüentemente, o framing representa a ação dos movimentos sociais engajados na política contra-hegemônica (CARRAGEE e ROEFS, 2004).

2.2. Seleção de notícias

Os jornalistas são porteiros (gatekeeper) ou vigias das notícias, responsáveis por selecionar dentre a grande quantidade de acontecimentos diários em todo o mundo aqueles que chegarão ao conhecimento dos leitores. Os processos de seleção de notícias podem ocorrer em diversos níveis e várias vezes, quer seja pelo repórter, pelo editor ou pelo empresário. A seleção equivale a restringir o volume de informações a assuntos que alguém acha que merecem ser publicados. Os “porteiros” decidem quais acontecimentos serão divulgados e quais não serão, contribuindo para moldar a imagem que o leitor tem da sociedade e do mundo (KUNCZIC, 2002).

A escolha é feita por critérios pessoais, processos organizacionais e padrões e condições estruturais (SERRA, 2004). Um dos principais fatores no processo de seleção não é a avaliação das notícias, mas a compulsão para produzir um jornal, sendo assim fatores como a pressão do tempo e a falta de espaço influenciam também no comportamento dos seletores de notícias. Mas, em última análise, os valores informativos nada mais são que as suposições intuitivas dos jornalistas com referência àquilo que interessa a um público determinado, àquilo que chama sua atenção (KUNCZIC, 2002).

A mídia alternativa divulga temas que a imprensa tradicional geralmente ignora, evita ou oculta. São assuntos emergentes que são cobertos antes de alcançarem a mídia ou a esfera pública tradicional. A idéia é dar voz a outros que geralmente não são ouvidos (ATTON, 2005). Como observou Silva Jr. (2003), em sua pesquisa sobre as agências de notícias brasileiras on-line (Agência Estado, Folha Online e Jornal Último Segundo), há a presença dos mesmos assuntos na pauta diária das três agências, enquanto outros são parciais ou totalmente silenciados, tais como “dinâmicas de minorias (negros ou questão étnica, gays, presidiários, desabrigados, etc.); questões públicas (saneamento, saúde pública, trabalhos de ONGs); cultura alternativa (música alternativa, filmes, religiões afro-brasileiras, cultura underground)”.

Por causa das relações com o poder político e social, o sistema midiático trata o consumismo, o mercado, a desigualdade de classe e o individualismo como natural ou de forma freqüentemente benevolente, enquanto a atividade política, os valores cívicos e as atividades antimercado tendem ser marginalizados ou condenados (MCCHESENEY, 2000 apud HARCUP, 2003). Enquanto a mídia tradicional tem uma tendência de privilegiar o poder, a mídia alternativa privilegia o fraco e o marginal, oferece a perspectiva de baixo e fala o “não-falado” (HARCUP, 2003). A pauta desprezada ou esquecida dos grandes meios de comunicação. Mas observa-se atualmente que as agendas alternativas e tradicionais coincidem, pelos menos em alguns temas, como o dos alimentos

geneticamente modificados, aquecimento global, direitos das minorias, mas diferenciam-se, talvez, pelo enquadramento dado.

2.3. Fontes

Estudos sugerem que a cobertura das notícias é predominantemente determinada pela disponibilidade das fontes, que determinam a natureza básica das notícias e as diferenças de enquadramento (FAHMY, 2005). Na teoria do jornalismo, as fontes são classificadas em oficiais, oficiosas e independentes. As fontes oficiais são mantidas pelo estado, por empresas e organizações como sindicatos ou associações. As oficiosas são aquelas relacionadas de forma direta com uma instituição ou personalidade, mas sem poder formal de representação. Já as independentes são aquelas sem vínculos diretos com o evento tratado (MACHADO, 2003).

A tendência do jornalismo tradicional é tratar as fontes oficiais como mais confiáveis, mesmo sabendo de sua parcialidade e interesses. As fontes oficiais predominam nas redações dos meios de comunicação tradicionais, defendendo interesses particulares como se fossem a vontade coletiva. Os jornalistas cultivam contatos com pessoas de influência porque é mais provável que tomem parte em eventos notáveis e suas opiniões e ações interessem a outros indivíduos, ou seja, aos receptores. Além disso, há uma disposição de adotar os pontos de vistas de suas fontes ao se emitir a informação que delas se obteve (KUNCZIC, 2002). Pesquisas nos Estados Unidos demonstram que o uso de fontes oficiais governamentais predomina. Um relatório sobre uma rede de notícias sobre a primeira guerra do Golfo revelou que 50% das reportagens foram originárias diretamente de porta-vozes oficiais (IYENGAR e SIMON, 1993 apud HORVIT, 2006). No jornalismo alternativo, é dada voz aos que não têm voz, que denunciam as injustiças, reivindicam direitos, combatem o status quo. Os porta-vozes dos movimentos sociais.

3. Agências de Notícias

3.1. Agências de Notícias Tradicionais

Entre as primeiras empresas transnacionais ou multinacionais de mídia, que desempenham um papel importante na difusão de notícias no processo de globalização, estão as agências de notícias. São organizações que atuam e operam globalmente na produção, venda e distribuição de material jornalístico. Um pequeno grupo que funciona como cartel e é responsável pela seleção e

organização das informações para os meios de comunicação (jornais, rádio, redes de televisão e provedores online), instituições financeiras, governos e indivíduos ao redor do mundo. As grandes agências desempenham o papel, de certo modo, de selecionador (gatekeeper) de notícias mundial.

As agências de notícias de âmbito nacional, que restringem a cobertura jornalística a seus países, atuam globalmente na geração e troca de informações dentro de um sistema mundial de mídia que era controlado por quatro grandes agências privadas ocidentais (Big-Four): Agence France-Presse (AFP), Associated Press (AP), United Press International (UPI) e Reuters - e pelas duas principais agências estatais - Itar-Tass (Rússia) e Xinhua (China). Mas atualmente os conglomerados multimídia globais Associated Press e Reuters dominam o fluxo de notícias internacional, alcançando também a Internet. Uma das causas desta concentração é a homogeneização dos conteúdos, pouca diversidade nas informações e agendas semelhantes nos grandes portais de notícias no ciberespaço (PATERSON, 2006).

As grandes agências têm sido também algumas vezes pioneiras no uso das novas tecnologias de comunicação. A Reuters, entre outras, foi rápida no uso do telégrafo, cabo telefônico, rádio, fotos, comunicação via satélite e computador. Atualmente, são organizações multimídia complexas, que usam satélites para entregarem imagens, sons e textos noticiosos e serviços de notícias online. Utilizam-se das facilidades da comunicação e são as maiores clientes das redes de telecomunicações privadas e estatais, também investem em pesquisas e no desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação, como o monitor de serviços da Reuters que, na década de 80, possibilitou uma maior agilidade nas operações do mercado financeiro (BOYD-BARRETT, 1998).

A Reuters possui aproximadamente 500.000 usuários, conecta-se com mais de 250.000 profissionais de finanças por meio do seu serviço de mensagem instantânea (Reuters Messaging) e possui 2.400 jornalistas, fotógrafos e operadores de câmera em 197 redações em 130 países, além de 16.000 funcionários em 220 cidades de 94 países². O volume de notícias gerado mundialmente para o mercado de mídia gira em torno de 30 mil páginas por dia, sendo produzido em 19 diferentes línguas. Ao mercado financeiro, a Reuters oferece acesso em tempo real a cerca de 5 milhões de registros de finanças e comércio. O seu site é visitado por cerca de 80 milhões de usuários/mês. Suas áreas de atuação são de mídia (fornecimento de informação para jornais, revistas, TVs, rádios portais e sites da Internet) e de não-mídia (direcionada ao fornecimento de informações para corretoras, agentes de bolsa de valores, bancos, empresas, órgãos governamentais, etc.) (SILVA JR., 2006). Seus conteúdos no site em português são organizados por Manchetes, Mundo, Negócios, Esportes, Cultura, Brasil, Internet, Cotações e Índices.

² Reuters: www.about.reuters.com

3.2. Agências de Notícias Alternativas: IPS e Carta Maior

Com a crença de que os meios de comunicação tradicionais e hegemônicos contribuem para o recrudescimento dos problemas sociais causados pela globalização, difundindo e defendendo as idéias neoliberais e o discurso da inevitabilidade do fenômeno, várias formas de mídia alternativa surgiram no ciberespaço, algumas seguindo o modelo das agências de notícias e inspiradas pelos movimentos antiglobalização, como o Fórum Social Mundial. Exemplos deste tipo de mídia alternativa digital são as agências de notícias IPS (Inter Press Service) e Agência Carta Maior, que praticam um jornalismo comprometido em defender valores dos movimentos antiglobalização.

A IPS é precursora das agências de notícias alternativas. Surgiu em 1964, fundada pelo jornalista ítalo-argentino Roberto Sávio, com o objetivo de fazer um jornalismo de representação igualitária de gênero, diversidade étnica e distribuição geográfica e promover a participação democrática na vida econômica, social e política. É uma associação internacional sem fins lucrativos de jornalistas e de outros profissionais no campo das comunicações. Tem o status consultivo de ONG (Organização Não-Governamental) no Conselho Econômico e Social (ECOSOC) da Organização das Nações Unidas. Conta com uma rede de jornalistas em cerca de 120 países na Ásia, África e América Latina e possui como clientes 3.000 meios de comunicação e milhares de grupos da sociedade civil, acadêmicos e outros usuários. O serviço mundial da IPS chega aos seus clientes via satélite e Internet disponível em vários idiomas.

Mas a ênfase na globalização é a fase mais recente na atuação da agência. Com a Guerra Fria e o crescimento do movimento dos países não-alinhados, ampliou seu foco nos problemas e prioridades das regiões desenvolvidas e promoveu a circulação de informações Sul-Sul para incentivar a integração regional e o desenvolvimento econômico, político e social (BOYD-BARRETT e RANTANEN, 1998). É uma agência de notícias especializada nas notícias do Terceiro Mundo, que sobrevive por oferecer uma agenda de notícias distintamente diferente das agências internacionais ocidentais, com ênfase no desenvolvimento, direitos humanos, democratização, meio ambiente, saúde, educação, cultura e gênero. Nos seus objetivos incluem a promoção do fluxo de informação entre as nações em desenvolvimento e a distribuição de notícias sobre o Sul aos clientes nas nações industrializadas do Norte (HORVIT, 2006; GIFFARD, 1999; RAUCH, 2003).

A Carta Maior foi lançada em fevereiro de 2001, durante o Fórum Social Mundial em Porto Alegre. É hoje constituída por uma equipe de nove jornalistas fixos (cinco em São Paulo, dois na sucursal

de Brasília, um na sucursal do Rio de Janeiro e um na sucursal do Rio Grande do Sul), além de uma equipe técnica e administrativa de 12 profissionais responsáveis pelo desenho, programação e manutenção da página da agência na internet. Conta ainda com um time de mais de 20 colaboradores fixos e mais de uma centena de flutuantes, que se revezam na cobertura de pautas sociais, políticas, econômicas e culturais. O objetivo declarado é participar do esforço pela reconstrução de uma imprensa ligada à transformação social no país. A agência é dirigida ao público em geral e às publicações de imprensa interessada numa linha editorial antiglobalização. Mantém acordos e intercâmbios com outras agências independentes do exterior, que permitem a cobertura de eventos internacionais, como os Fóruns Sociais Mundiais.

Na IPS (em português), os conteúdos são organizados pelas editorias/canais América Latina, África, Mundo, Economia, Direitos Humanos, Saúde, Ambiente, Globalização, Arte e Cultura, Energia, Política, Desenvolvimento e Colunistas. Já na Carta Maior, são distribuídos nos Canais: Colunistas, Análise & Opinião, Arte & Cultura, Direitos Humanos, Economia, Educação, Humor, Internacional, Meio Ambiente, Movimentos Sociais e Política. Os conteúdos dessas agências de notícias são organizados segundo valores sociais, econômicos, políticos e culturais dos movimentos antiglobalização (direitos humanos, ecologia, educação, direitos das minorias, justiça social, movimentos sociais, cultura popular, tolerância religiosa etc.). Evidencia-se um arranjo formal (editorias) condicionado socialmente, que visa orientar o modelo de exploração do leitor segundo uma ordem de problemas relativos ao ambiente urbano e mundial em que está imerso (SILVA JR., 2002).

4. Metodologia

Para verificar as diferentes características entre as agências de notícias tradicionais e as alternativas, foram pesquisados e comparados os temas e os enquadramentos, através da análise de conteúdo, das notícias veiculadas nos sites da Reuters, Agência Carta Maior e IPS, no período de uma semana (1º a 07 de julho de 2007). Para análise dos temas, foi levado em conta se as notícias realmente são organizadas e pautadas segundo valores antiglobalização dos movimentos sociais. Já para os enquadramentos, foi escolhida a cobertura feita pelas agências do VII Fórum Social Mundial (FSM), que aconteceu em Nairóbi no Quênia, de 20 a 25 de janeiro de 2007. O Fórum Social, pela sua influência e importância para os movimentos sociais antiglobalização, é um estudo de caso esclarecedor para estabelecer diferenças de visões entre a mídia alternativa e tradicional.

O FSM foi realizado pela primeira vez em 2001 em Porto Alegre, onde aconteceu até 2004, quando teve por sede a cidade indiana de Mumbai. Em 2005, voltou à capital do Rio Grande do Sul e em 2006 aconteceu como “fórum policêntrico”, em três cidades: Bamako (19 a 23 de janeiro), Caracas (24 a 29 de janeiro) e Carachi (de 24 a 29 de março). Criado como alternativa ao Fórum Econômico Mundial, a reunião anual na localidade suíça de Davos que atrai a elite empresarial e política do mundo, o FSM reúne uma série de grupos e indivíduos, principalmente da sociedade civil, que se opõem à globalização em seu modelo atual. O FSM de Nairóbi foi o primeiro realizado em um país africano.

Os resultados da pesquisa foram classificados por categorias da seguinte forma: temas - segundo canais/editoriais dos sites das agências de notícias; enquadramentos noticiosos ou interpretativos - por palavras-chaves e pela avaliação positiva, negativa e neutra da cobertura do Fórum Social Mundial. Os artigos noticiosos foram pesquisados nos arquivos disponíveis nos próprios sites das agências. Já as matérias sobre o Fórum Social Mundial foram encontradas através do instrumento de busca de suas homepages também. As matérias da Reuters sobre o Fórum Social foram pesquisadas no site em inglês, pois não estão disponíveis em português. Por ser uma pesquisa preliminar, não foram analisadas e comparadas as fontes utilizados nos artigos.

5. Resultados

Conforme os resultados da pesquisa (Tabela 1), a seleção de notícias e a organização dos conteúdos das agências de notícias alternativas Carta Maior e IPS são diferentes da agência tradicional Reuters. Além de seus conteúdos serem organizados segundo alguns valores dos movimentos sociais antiglobalização, dos quais se declaram porta-vozes, a seleção de notícias indica realmente que buscam divulgar temas poucos tratados nas agências tradicionais, como Direitos Humanos (Carta Maior - 41,1%; IPS - 17,3%; Reuters - 0%), Meio Ambiente (Carta Maior - 11,7%; IPS - 17,9%; Reuters - 2,3%) e Movimentos Sociais (Carta Maior - 23,5%; IPS - 4,3%; Reuters - 0%). Em contrapartida, a Reuters enfatiza as notícias de Economia (14,2%), Política (17,4%) e Internacional (52,3%). A IPS, por ser uma agência que focaliza os países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento na Ásia, África e América Latina, tem uma taxa alta de cobertura das notícias internacionais (47,8%). Vale observar que a maior quantidade de matérias da Reuters se deve a sua estrutura profissional de grande empresa de comunicação do mundo.

Tabela 1 - Temas publicados

Categoria	Temas			%		
	Reuters	Carta Maior	IPS	Reuters	Carta Maior	IPS
Educação	-	-	-	0,0	0,0	0,0
Saúde	2	-	-	1,5	0,0	0,0
Economia	18	1	3	14,2	5,8	13,0
Política	22	-	-	17,4	0,0	0,0
Direitos Humanos	-	7	4	0,0	41,1	17,3
Meio Ambiente	3	2	4	2,3	11,7	17,9
Arte e Cultura	10	2	-	7,9	11,7	0,0
Internacional	66	1	11	52,3	5,8	47,8
Movimentos Sociais	-	4	1	0,0	23,5	4,3
Esportes	5	-	-	3,9	0,0	0,0
Total	126	17	23	100	100	100

Sobre a pesquisa de enquadramento, revela-se válido a aplicação da teoria do framing para estabelecer diferenças entre a mídia alternativa e a tradicional. Mesmo quando há uma coincidência de pauta ou agenda, o enquadramento dado pelo jornalismo alternativo é diferente do chamado jornalismo tradicional. A Reuters, apesar de fazer uma cobertura neutra do VII Fórum Social Mundial, enquadra o evento segundo valores das nações desenvolvidas ou do capital, selecionando e destacando aspectos econômicos, comerciais e das relações internacionais. Sobre as características do Fórum em si, destaca as falas de protestos, o clima festivo e o antiamericanismo. Em comparação às outras agências, a cobertura da Reuters foi pequena, com apenas três matérias.

As agências Carta Maior e IPS realizam enquadramentos quase coincidentes, sempre levando em conta os valores e os interesses dos movimentos sociais antiglobalização. A Carta Maior, por ter realizado uma cobertura mais ampla e variada (30 matérias), realizam outros enquadramentos, como concentração da mídia, neocolonização, precarização do trabalho, religiosidade etc.. Após sete anos de realizações do Fórum Social Mundial, despertou entre alguns de seus participantes uma autocrítica sobre os rumos dos movimentos e seus objetivos. Tanto a IPS quanto a Carta Maior divulgaram esses questionamentos, resultando em algumas matérias de abordagem negativa (Carta Maior – 13,3%; IPS – 30%). Mas prevalece uma abordagem positiva do evento pelas agências alternativas, por ser uma oportunidade de debates, reivindicações e protestos daqueles considerados sem voz no mundo.

Tabela 2 - Enquadramento: VII Fórum Social Mundial

Agências de Notícias	Enquadramentos Principais e secundários	Abordagem %			
		Positiva	Negativa	Neutra	Total
Reuters	Economia; Comércio Exterior; Protestos; Combate à Pobreza; Relações Internacionais; Clima festivo; Lideranças internacionais; Antiamericanismo.	0,0	0,0	100,0	3
Carta Maior	Desigualdade social; Movimentos sociais; Autocrítica; Mudanças nos organismos internacionais; Governos de esquerda; Questão de Gênero; Relação entre Governos, partidos políticos e movimentos sociais; Concentração da mídia; Dívidas dos países pobres; Luta contra as multinacionais; Precarização do trabalho; Protesto antiglobalização; Imigração dos pobres; Globalização; Questão africana; Interesses americanos; Combate à Aids; Neocolonialismo; Política de esquerda; Celebração; Religiosidade; Depoimento pessoal.	86,6	13,3	0,0	30
IPS	Combate à pobreza; Desigualdade social; Celebração; Combate à Aids; Questão africana; Globalização; Cooperação entre países subdesenvolvidos; Mudanças nos organismos internacionais; Multiculturalismo; Questão de gênero; Dívidas dos países pobres; Autocrítica; Movimentos sociais.	60	30	10	10

6. Conclusão

Não há mais ilusões sobre a imparcialidade ou neutralidade da mídia, pois não é possível pressupor a possibilidade de uma comunicação imparcial, de conteúdos objetivos independentes do mundo exterior (HACKETT, 1993 apud PORTO, 2004). Para Robert Hackett, o conteúdo da mídia pode desempenhar um papel político e ideológico importante não apenas quando existe ou falta “objetividade” e/ou “imparcialidade”, mas também quando este conteúdo é produzido a partir de uma matriz ideológica limitada, composta por um conjunto de regras e conceitos que são ativados pelos jornalistas, nem sempre de forma consciente e sem necessariamente existir uma intenção deliberada de iludir ou manipular. Exatamente o enquadramento, segundo Hackett, oferece um instrumento para examinar empiricamente o papel da mídia na construção da hegemonia, no sentido gramsciano de uma direção intelectual e moral da sociedade civil.

Preliminarmente, esta pesquisa indica que é possível aplicar a teoria do framing na análise da mídia alternativa como órgão de imprensa ou porta-voz dos movimentos sociais. Tanto o enquadramento como a seleção de notícias são elementos do jornalismo que estabelecem diferenças e colaboram na definição da mídia alternativa. Fica evidente que o jornalismo alternativo dos movimentos sociais é

um jornalismo engajado, que defende valores e interesses dos menos favorecidos e busca conscientizar e arregimentar aliados para sua causa.

Na análise realizada foram levados em conta os dois tipos principais de enquadramentos: noticiosos e interpretativos. Os noticiosos são padrões de apresentação, seleção e destaque utilizados por jornalistas em seus relatos, o ângulo da notícia. Já os interpretativos são padrões de interpretação que promovem uma avaliação particular de temas e/ou eventos (PORTO, 2004). No desenvolvimento da pesquisa, para resultados mais precisos, se faz necessária uma análise mais sistemática de conteúdo, diferenciando o enquadramento noticioso e o interpretativo, somada a uma análise de conteúdo também quantitativa.

Este tipo de pesquisa além de estabelecer a diferenciação entre a mídia alternativa e a mídia tradicional, permite identificar na atuação dos meios de comunicação como privilegiam certos temas e certos enquadramentos na produção de notícias. As agências de notícias tradicionais ao desempenharem um papel importante na difusão de conteúdos, operando globalmente na produção, venda e distribuição de material jornalístico, atuando como selecionadores (gatekeeper) de notícias mundiais, termina por impor de certa forma uma agenda única e homogênea e, o que é pior, a hegemonia de certos enquadramentos, mesmo no ciberespaço. Já que o discurso sobre os eventos internacionais dentro da esfera pública global é substancialmente determinado pelas práticas de produção e prioridades institucionais de dois serviços de informações: Reuters e Associated Press (PATERSON, 2006). As agências de notícias alternativas, por sua vez, serve como contraponto a esta concentração, oferecendo uma agenda e interpretação da realidade diferentes, mesmo com o seu minúsculo poder de influência.

7. Referências

ATTON, Chris. *Alternative Media*. London: Sage Publications, 2005.

BOYD-BARRETT, Oliver e RANTANEN, Terhi (org). *The Globalization of News*. Londres: Sage Publications, 1998.

BREWER, Paul R.; GRAF, Joseph; e WILLNAT, Lars. *Priming or Framing: Media Influence on Attitudes Toward Foreign Countries*. *Gazette*, Volume 65, no 6 , pp. 493-508, 2003.

CARRAGEE, Kevin M. e ROEFS, Wim. The Neglect of Power in Recent Framing Research. *Journal of Communication*, Volume 54, n° 2, pp. 214-233, 2004.

DOWNING, John. *Mídia Radical*. São Paulo: Senac, 2002.

FAHMY, Shahira. Emerging or Traditional News Gates: Which News Sources Were Used to Picture the 9/11 Attack and Afghan War?. *International Communication Gazette*. London: Sage Publications, 2005.

GIFFARD, C. Anthony. The Beijing Conference on Women as Seen by Three International News Agencies. *International Communication Gazette*. London: Sage Publications, 1999.

GOFFMAN, Erving. *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. Boston: University of Califórnia Press, 1986.

HARCUP, Tony. 'The unspoken - said' - The journalism of alternative media. London: Sage Publications, Vol. 4, pp.356-376, 2003.

HORVIT, Beverly. International News Agencies and War Debate of 2003. *International Communication Gazette*. London: Sage Publications, 2006.

KUNCZIK, Michael. *Conceitos de Jornalismo Norte e Sul*. São Paulo: Edusp, 2002.

MACHADO, Elias. *O Ciberespaço como fonte para os jornalistas*. Salvador: Calandra, 2003.

PESTALARDO, Maria. *War on The Media: The News Framing of the Iraqi War in the United States, Europe and Latin América*. Johnson City: East Tennessee State University, 2006.

PLATON, Sara e DEUZE, Mark. Indymedia journalism: a radical way of making, selecting and sharing news?. In: *Journalism*. Londres: Sage Publications, 2003. p. 331-355.

PORTO, Mauro. Enquadramentos da Mídia e Política. In *Comunicação e Política – Conceitos e abordagens*. Salvador: Edufba/Unesp, 2004, pp. 74-104.

RAUCH, Jennifer. Rooted in Nations, Blossoming in Globalization? A Cultural Perspective on the content os a “Northern” Mainstream and a “Southern” Alternative News Agency. *Journal of Communication Inquiry*. London: Sage Publications, 2003.

RENDEIRO, Mark Fonseca. *Defining Alternativess: The Meaning Alternative Journalists give to their work*. Amsterdam; Universiteit van Amsterdam, 2003.

SCHEUFELE, D. A. Framing as a theory of media effects. *Journal of Communication*, Vol. 49, pp. 101–120, 1999.

SERRA, Sonia. Relendo o “gatekeeper”: notas sobre condicionantes do jornalismo. *Contemporânea*, Vol.2, no 1, p.93-113, jan-jun 2004.

SILVA JR., José Afonso. *A relação das interfaces enquanto mediadoras de conteúdo do jornalismo contemporâneo: agências de notícias como estudo de caso*. Recife: 2002.

_____. Déja-vu onipresente: repetição, previsibilidade e homogeneidade nas agências de notícias on-line brasileiras. In *Modelos de Jornalismo Digital*. Salvador: Calandra, 2003.

_____. *Uma Trajetória em Redes: Modelos e Características Operacionais das Agências de Notícias, das Origens às Redes Digitais, com Três estudos de Caso*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2006.

Sites

Carta Maior

<http://www.cartamaior.com.br/>

IPS

<http://www.mwglobal.org/ipsbrasil.net/index.php>

Reuters

<http://br.today.reuters.com/news/default.aspx>

Ciberlegenda

out/2007